

AS REGIÕES NATURAIS DE PERNAMBUCO, O MEIO E A CIVILIZAÇÃO

(Recensão de um livro)

D. BENTO J. PICKEL

Biologista do Serviço Florestal do Estado de São Paulo

O livro do Prof. Vasconcelos Sobrinho, com o título supra, que saiu à luz em 1949, impresso pela Livraria Freitas Bastos, é um tratado de fitogeografia de Pernambuco que se divide em 3 partes, indicadas no título. É muito bem escrita, esta obra, onde o autor deposita o resultado dos seus estudos auscultados à natureza, no ambiente do Nordeste, em contato íntimo com a vasta região do interior do Estado, em inúmeras e penosas viagens.

Os seus estudos provam que, em Pernambuco, existem apenas duas regiões botânicas, em vez de 3, a saber a da mata e a da caatinga, com suas divisões e subdivisões, alteração esta reconhecida pelos corifeus da geografia botânica. Em estilo atraente descreve as diversas zonas e regiões, não só a vegetação, mas também a geologia e o clima, indicando finalmente as zonas onde as diversas culturas em Pernambuco podem prosperar. Em seguida, localiza as zonas e regiões por municípios.

Os capítulos mais interessantes, todavia, encontram-se na 2a. e na 3a. partes, onde o autor trata do meio e da civilização.

Preconiza como o melhor dos climas o do Nordeste, por ser sêco e quente variável. Realmente vê-se sertanejos de compleição forte e sadia que só um bom clima pode formar. Pode-

se dizer que o clima seria realmente excelente se fosse mais constante e não houvesse a sêca.

O fenômeno das sêcas o autor que já era Diretor de uma Estação meteorológica descreve magnificamente, dizendo-nos como se formam as chuvas no Nordeste. No sertão de Pernambuco a época das chuvas coincide com o maior calor como acontece em S. Paulo e Minas e a chegada das chuvas e sua abundância depende da demora e das sobras que vêm do Sul para o Norte. No entanto, na região litoral do Nordeste as chuvas começam no fim da estação das águas do Sertão; ali chove de Março a Agosto coincidindo com o inverno. No Sul do país o inverno é sêco e no litoral do Nordeste é chuvoso. As chuvas ou "o inverno" vêm do interior para o litoral. Quando no horizonte do oeste há relâmpagos sabe-se que o "inverno" promete ser bom. A sêca aparece, quando as chuvas vindas do Sul retardam, ou não são suficientemente intensas para atingir o Nordeste.

São muito acertadas as considerações do Autor sôbre a função das águas na vegetação do sertão e a influência desta sôbre as precipitações.

Quando fala do solo e da sua formação é um prazer seguir-lhe a explicação que faz com a clareza que lhe é característica.

A formação do solo arável que, em certos pontos do globo terrestre, exige milhões de anos encontra o seu climax na mata (a mais perfeita forma da vegetação). Um desses pontos é o Nordeste. O solo na extensa região da caatinga, **está sempre** a se iniciar, em um esforço supremo da natureza por atingir seus fins, devido à falta de umidade e de matas. O fenômeno da estiagem prolongada que medeia entre dois "invernos" é o verdadeiro criador da natureza do sertão.

O humus, que consegue formar-se unicamente à sombra, em temperatura alta, sim, mas num ambiente saturado de umi-

dade, na caatinga não existe porque não há vegetação perene nem umidade suficiente, pois nem mesmo as mais belas formações florestais têm manta e humus.

Mas também no resto do Brasil, onde se pode formar o humus vai-se esgotando.

O entusiasmo de Vaz Caminha em face da feracidade do solo do Brasil neo-descoberto cede agora à realidade que a fertilidade vai diminuindo cada vez mais, porque escasseiam as matas e se esgota o humus.

O Autor prova que o solo físico brasileiro é pobre e que também as qualidades do solo biológico se perdem ante o desaparecimento das condições que o criam. Prova disto é a fuga do cafeeiro que ocupava o litoral dos Estados do Rio e de São Paulo (Ubatuba) para o interior e, dali, no seu rumo para oeste, invade agora as terras novas do Paraná. Outro exemplo é a cultura da cana. A produção é cada vez mais baixa nos canaviais devido ao desaparecimento do humus e graças à esterilidade do solo pelas toxinas inibidoras da fertilidade não restaurada pelo pousio das terras que faria desaparecer essas toxinas.

As nossas terras são pobres e se esgotam sempre mais porque é destruído o substrato orgânico do solo.

E' necessário portanto evitar o esbanjamento da matéria orgânica pelas queimadas e o desnudamento do solo pela destruição do mulch natural das ervas daninhas, dos restolhos e do terriço que o fogo devora. O solo fraco lavado, como o temos agora, além de tudo, é mau retentor de adubo químico, o qual exige a presença de uma certa dose de matéria orgânica para fixar-se. Por isso, as reações ante a adubação orgânica bem feita,

têm sido muito mais positivas que ante a adubação química. E não sendo fértil o nosso solo físico, somente nos resta o recurso à adubação orgânica e a restauração do solo biológico o que, afinal de contas, constitui o grande segredo do êxito agrícola em todos os solos, em todas as regiões do mundo. No solo desnudo pela devastação das matas nos declives as águas das chuvas fogem para os rios e para o mar, deixando-o seco poucas horas depois de molhar a terra. A chuva que rega os campos de cultura desprotegidos evapora com intensidade, roubando às raízes a água nos dias de verão; p. i. as plantas murcham e definham, até que, à noite, com a evaporação interrompida, as raízes possam voltar a apoderar-se da água já não mais vaporizada.

O corretivo natural para essa fuga da água é o reflorestamento dos declives e a proteção do solo pelos resíduos das colheitas que atapetam e protegem a terra contra o sol o qual é o maior inimigo do húmus, visto só se formar na ausência do sol, à sombra da vegetação.

Ainda não aprendemos a técnica decisiva para a agricultura tropical: a ciência de manter a terra sempre amparada do sol, protegida, abafada, conservando-a na umidade e na sombra.

Acostumámo-nos à prática das queimadas que destroem a matéria orgânica primitiva, comburem o solo, e deixam-no descoberto, desprotegido da ação solar que completa a do fogo.

O autor afirma que é na tenra camada da crosta terrestre (— a fina camada vital que nos alimenta —) que a civilização do século XX tem suas raízes. E a crosta ou solo arável tem sua origem na ação do mundo das plantas e é o mundo das plantas que garante a sua permanência. Daí ser, a devastação da cortina vegetal que a protege, um crime de lesa-humanidade.

Este conceito é enunciado com vistas para o Nordeste que progressiva e irremediavelmente leva ao deserto. Mas vale para todo o Brasil.

Depois de ter dissertado sobre o meio, que abrange o clima, o solo etc. o Autor se estende em considerações sobre a civilização.

Neste particular é bem interessante o capítulo sobre a degradação da natureza do Nordeste e sobre o problema florestal.

E prova estar-se processando essa degradação pela recessão do clima em todo o globo terrestre que, não só se torna mais seco mas, também, mais quente. Este processo vem de longe, desde a destruição das civilizações mesopotâmica, cartaginense e anatólica, continuando até nós. E a nossa civilização moderna já passou do seu apogeu.

O declínio da civilização começa com a degradação do solo e termina com o último estágio que é o deserto. Convém despertar à realidade em que estamos vivendo e ouvir os gritos de alarma. É preciso corrigir em tempo os erros que se estão cometendo e opor uma barreira ao deserto, a fim de retardar esse cataclismo ameaçador. Deve se começar pela proteção à natureza, das serras e encostas, pela açudagem ao longo dos rios e pela defesa do solo contra as enxurradas. A grande protetora do ambiente é a vegetação espontânea; p. i. a nossa principal política antidesértica deve ser a conservação das matas das encostas, como anteparos que são das águas das enxurradas e conservadoras dos mananciais e da umidade. Essas matas são sagradas e portanto é um sacrílego crime de lesa-humanidade derrubá-las. Não são só o proprietário e os vizinhos que sofrerão as conseqüências e, sim, toda a comunidade.

Deve ser lido o que o Autor escreve sobre o problema florestal, a começar da pag. 167, onde trata sobre a proteção à natureza.

É ainda muito interessante a exposição que o Autor faz sobre o elemento humano que dá expressão ao clima e à exploração do solo, sobre o destino de Pernambuco na comunhão da Nação e sobre o legado dos antepassados.

Resumindo: o livro de Vasconcelos Sobrinho, que é o atual Diretor do Serviço Florestal do Brasil, é uma obra magistral que deve ser lida por todos, especialmente, pelos Engenheiros-Agrônomos e pelos Fazendeiros, que nele se podem inspirar e meditar.